

Soluções Simbólicas para a Assimetria dos Códigos Culturais

Ivan Bystřina

A estrutura dos códigos culturais se desenvolveu dentro de um princípio invariante para todas as culturas. Pelo fato de essa estrutura ser necessariamente assimétrica, apresentando um pólo negativo mais forte do que o positivo, os seres humanos procuraram soluções para essa assimetria. Assim, foram criados padrões de solução que se desenvolveram paralelamente ao desenvolvimento dos próprios códigos culturais.

Vamos retomar agora alguns exemplos desses padrões de solução. A primeira possibilidade, a mais simples, é a identificação dos pólos. Como exemplo podemos mencionar uma solução encontrada já no antigo Egito: "O que existe acima também existe abaixo".

A segunda possibilidade é o encadeamento de oposições binárias em oposições pluriarticuladas através da composição de tríades a partir de duas oposições binárias. Da oposição céu/terra e da oposição terra/inferno nasce a chamada árvore da vida. Dentro das oposições, o céu recebe sinal positivo em relação à terra, que recebe o sinal negativo; mas a terra, em relação ao inferno passa a receber o sinal positivo diante do sinal negativo do inferno.

Assim nasce a ambivalência de certos conceitos. A terra, no exemplo dado, passa a ser ambivalente, recebendo o sinal positivo e o sinal negativo em relação aos seus dois pares - céu e inferno.

A tríade, em geral, passa a ter um uso praticamente universal enquanto modelo, inclusive na própria filosofia, como podemos observar em Hegel, Marx, Peirce e Popper.

A próxima possibilidade de solução da assimetria, a solução mais radical, é a inversão, a inversão dos pólos opostos: aquilo que estava acima é colocado abaixo e aquilo que estava abaixo é colocado acima. Na última aula vimos o exemplo do caçador de Levi-Strauss: na caça à águia, que simboliza a altura, o caçador cava um buraco e se coloca abaixo da superfície da terra, depositando uma isca sobre o seu próprio corpo. Quando a águia desce para apanhar a isca, o caçador a apanha e torce o seu pescoço, para que não haja sangue. Essa operação não pode estar ligada ao sangue morto, por isso quando os índios dela participam não podem ter contato com sangue de nenhuma espécie, inclusive com o sangue da menstruação, sendo impedidos de manter relações sexuais.

Existe, ainda, um padrão de solução da assimetria onde os pólos são unidos por elementos intermediários ou mediadores. A árvore da vida vincula regiões separadas, distantes umas das outras. Com isso ela possibilita transições simbólicas de um estágio para outro, em especial a viagem ao céu ou ao inferno, como é apresentada incondicionalmente pelos xamãs, ou mesmo no Novo Testamento na figura de Jesus Cristo.

Também os ritos sacrificiais fazem parte do universo da mediação. Quais são os pólos opostos neste rito? Os dois pólos podem ser representados por aquele que se oferece ao

sacrifício e a divindade. O objeto do sacrifício - a vítima - deve vincular-se a quem oferece o sacrifício à divindade. É por isso que a mediação se faz pela presença tanto do sacerdote quanto do animal sacrificado. Eles ficam entre quem oferece o sacrifício e a divindade. Há, portanto, dois mediadores nesta situação: o sacerdote e o animal (ou em alguns casos, o sacrifício humano).

Como invariantes, os velhos e arcaicos mitos e rituais são reanimados pelas culturas contemporâneas nas seitas, ou mesmo simbolicamente sob outras formas. As oposições ou pares opostos apresentam grandes complexos estruturados. Entre os pólos existem, na maior parte das vezes, amplas zonas intermediárias onde imperam a indecisão - ou a incerteza - e a plurisignificação, a plurivalência. Isso provoca conflitos e temores.

O amanhecer pode ser visto como ameaçador, por exemplo, entre os berberes do norte da África. Quando um berbere levanta de manhã para ir ao trabalho, ele fica atento para passar pela porta com o pé direito. Depois de ter feito isso, e de estar consciente do que fez, volta atrás e passa uma outra vez com o pé esquerdo. Este é um exemplo de ritualização das zonas intermediárias, e também tem a ver com a *porta* enquanto zona intermediária.

Todos esses detalhes referente aos mitos são sacralizados e ritualizados. O caso que acabamos de ver não fica restrito apenas às portas: eles tem a ver com todas as entradas de uma casa, às janelas e às chaminés. Vejamos esse exemplo: o diabo entra sempre pela chaminé.¹ O diabo também aparece sob a forma de um cão preto, como em *Fausto*. Gogol apresenta caras assustadoras que olham para dentro através da janela. Nesse simbolismo da janela não é apenas a luz que entra mas também as figuras assustadoras.

Para separar as áreas opostas uma das condições é o estabelecimento de fronteiras nesta zona intermediária e perigosa. Tais fronteiras são declaradamente sagradas e se constituem em obstáculos entre as pessoas que se situam em ambos os lados. No nosso século o homem tenta libertar-se dessas fronteiras, eliminando-as. Mas é pela existência delas que podemos separar um pólo do outro e entendermos o que é o sagrado e o profano, o público e o privado, as classes sociais, os povos, os diversos segmentos da sociedade, etc.

A força simbólica da fronteira pode ser confirmada na antiguidade pela derramamento de sangue. A transposição de fronteiras, passando pela região sagrada e ameaçadora, é regulamentada por rituais de passagem. Estes ritos tinham sintomaticamente um caráter triádico mágico-ritual. Os *ritos de separação*, *ritos de marginalidade* e *ritos de agregação*, que fazem parte dos mais antigos e conhecidos ritos, sobrevivem ainda hoje, ainda que sob outras formas, como, por exemplo, sob forma de ritos de iniciação: o batismo, o casamento, o sepultamento, uma defesa de mestrado e doutorado, etc.

Todas as operações de que falamos são por nós conhecidas e já foram estudadas, mas podem existir outras ainda não investigadas semioticamente. Um desses casos é aquela que se constitui na construção de uma continuidade progressiva entre os dois pólos - tal como

¹ - O dia 1 de janeiro na Europa é o dia do limpador de chaminés, uma pessoa com o macacão todo preto que é símbolo de sorte.

observamos no *yin/yang* ocidental. Esta é uma operação eminentemente semiótica que começa a ser investigada pela Semiótica da Cultura.

Palestra proferida para o CISC na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 1995.



CISC - CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA